



Secretaria de Desenvolvimento Social, Criança e Juventude
Secretaria Executiva de Assistência Social
Gerência de Gestão do Trabalho e Educação Permanente
Fundação Apolônio Salles



CURSO OS PAPÉIS DOS EDUCADORES NOS SERVIÇOS DE ACOLHIMENTO

Facilitadora: Cyntia Medeiros



Secretaria de
Desenvolvimento
Social, Criança
e Juventude



GOVERNO DO ESTADO
PERNAMBUCO
MAIS TRABALHO, MAIS FUTURO.

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA





O CURSO

Conhecer e reconhecer a transformação do papel dos profissionais nos serviços de acolhimento para crianças e adolescentes em uma perspectiva de educação que valorize sujeitos autônomos, que atuem crítica e criativamente no meio social, a partir da transformação das próprias organizações institucionais.



3) Companhia para visitar a história e imaginar o futuro:

**A participação do educador social/cuidador nos estudos de casos (é direito do profissional ter acesso à história de vida da criança/adolescentes pelo qual é responsável);
As implicações legais pelo mal-uso das informações.**



4) O educador como mediador da cultura:

O educador como referência, “ponte” com a cultura (valores, costumes, criações). Utilização dos bens culturais: literatura, música, cinema, teatro, as artes em geral, mídia, jornais, televisão, blogs, etc. a partir da construção de olhar crítico para a realidade, ajudando aos adolescentes a se posicionar frente às questões que a vida lhe coloca.



Café da manhã, ajuda na lição de casa, leva à escola e dá banho. A rotina do educador no serviço é marcada pelos cuidados básicos de alimentação e higiene. No entanto, é entre, e durante, essas atividades rotineiras que está a maior beleza e também os maiores desafios enfrentados pelo educador. Entre um banho e no caminho para a escola, há muita conversa, escuta e aprendizagens sobre a vida. Durante o jantar e a escovação de dentes, há explosões de raiva e um choro para apagar. Saudades de casa e medo na hora de dormir são cuidados com abraços e uma gostosa contação de história. Isso e mais um pouco. Tudo multiplicado por 20



ABRIGO

ESPAÇO DE VIDA



“o bom educador é aquele que está sempre aberto a aprender”.



Convidamos você a pensar nas particularidades e complexidades do trabalho do educador...





TRANSIÇÃO

REVOLTA

REJEIÇÃO

AFASTAMENTO

INSEGURANÇA

AGRESSIVIDADE

RAIVA

CHORO

RUPTURA

MEDO

PUNIÇÃO

SILÊNCIO

SOFRIMENTO

SOLIDÃO

INCERTEZA



FUNDAÇÃO APOLÔNIO SALLES
F A D U R P E



UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO



ESFOSUAS/PE
FUNDAÇÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS
EM SERVIÇOS SOCIAIS

Secretaria de
Desenvolvimento
Social, Criança
e Juventude

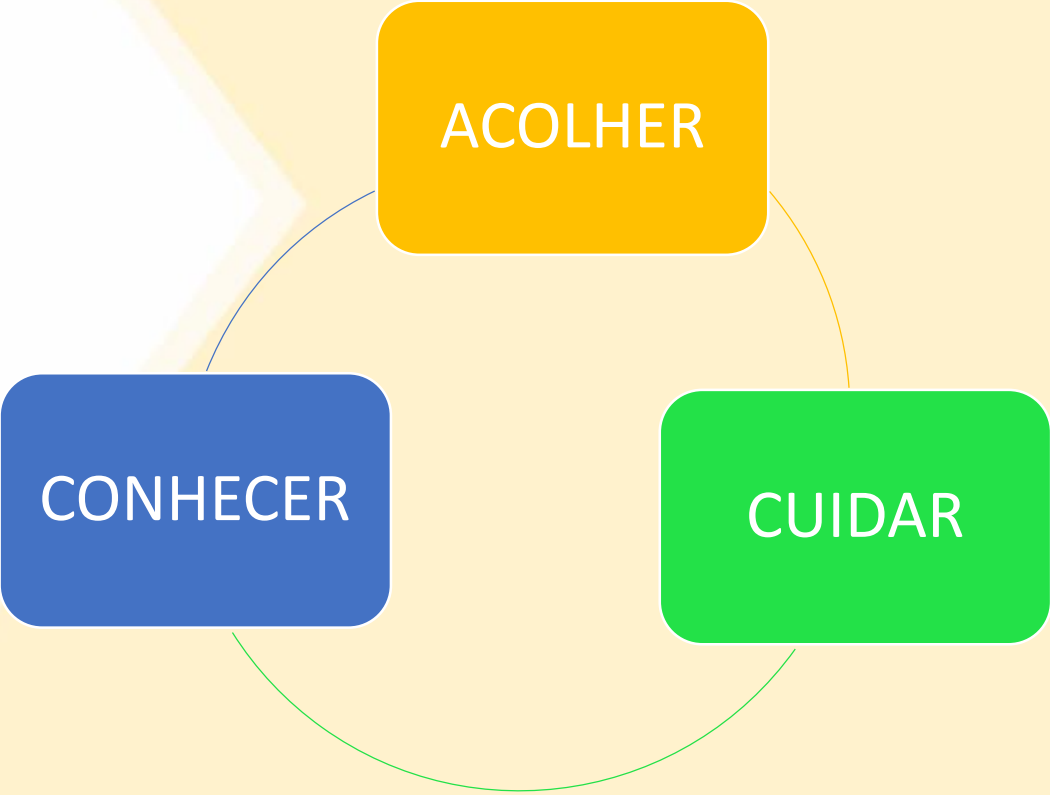


GOVERNO DO ESTADO
PERNAMBUCO
MAIS TRABALHO, MAIS FUTURO.

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA

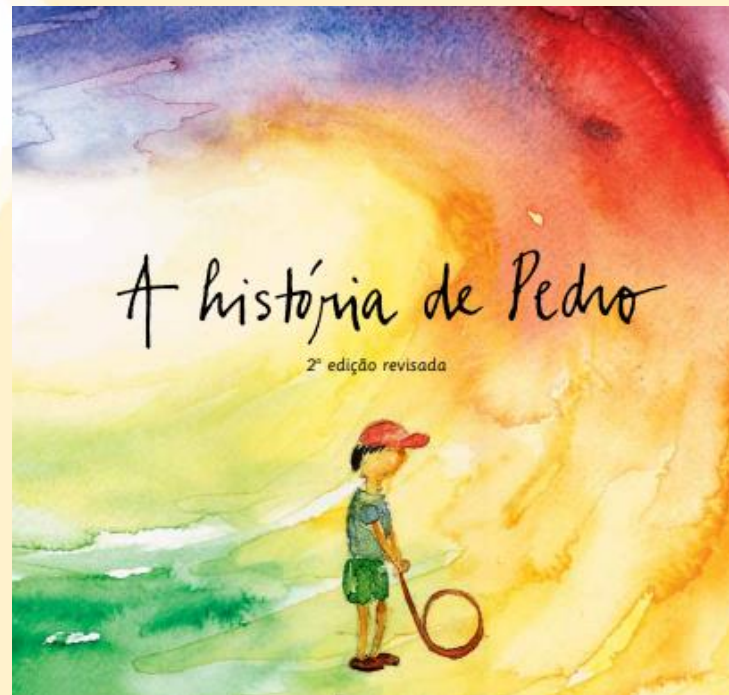


PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL





Companhia para visitar a história e imaginar o futuro



https://static1.squarespace.com/static/56b10ce8746fb97c2d267b79/t/592833dc17bffced4bdc84b6/1495806947840/A+Hist%C3%B3ria+de+Pedro_2%C2%AA+impress%C3%A3o.pdf



FUNDAÇÃO APOLÔNIO SALLES
F A D U R P E



UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO



ESFOSUAS/PE

Secretaria de
Desenvolvimento
Social, Criança
e Juventude



GOVERNO DO ESTADO
PERNAMBUCO
MAIS TRABALHO, MAIS FUTURO.

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL



PORQUÊ TRABALHAR HISTÓRIAS DE VIDA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO CONTEXTO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL?



FUNDAÇÃO APOLÔNIO SALLES
F A D U R P E



UNIVERSIDADE
FEDERAL RURAL
DE PERNAMBUCO



Secretaria de
Desenvolvimento
Social, Criança
e Juventude



GOVERNO DO ESTADO
PERNAMBUCO
MAIS TRABALHO, MAIS FUTURO.

MINISTÉRIO DA
CIDADANIA



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL



Porquê falar de histórias de vida é dizer que essas crianças e adolescentes são únicos e que, embora algum direito tenha sido violado e tenha havido uma separação, cada um tem uma história, a sua, que é diferente da de todos os outros. No processo de construção da identidade, na busca de uma compreensão de nós mesmos.



Porque precisamos oferecer um espaço de expressão individualizado para que crianças e adolescentes entrem em contato, compreendam e elaborem suas histórias de vida, permite, entre outras coisas, a manutenção das memórias familiares. Acreditamos que ter um espaço para narrar, lembrar, valorizar e registrar situações vividas em família fortalece os vínculos familiares e o senso de pertencimento.



**Mas para que insistir em falar e ouvir a respeito de momentos tristes e dolorosos?
Não seria melhor esquecer?**





Conversas respeitosas que os ajudem a compreender o contexto do acolhimento;

Escuta atenta e afetiva das angústias e dúvidas;

Interesse genuíno e valorização de suas recordações, saudades e hábitos;

Acolher, ouvir, respeitar, ensinar, dar limites e, principalmente, se vincular às crianças e adolescentes;

Possibilitar à criança e ao adolescente entender e elaborar o que se passou e o que se passa com a sua família, através de vínculos seguros e afetivos.



Levantar hipóteses e ajudar as crianças e adolescentes a compreender o que comunicam através de comportamentos (ex: choro excessivo, o xixi e coco fora de hora, o isolamento, a dificuldade de aprendizagem, o desrespeito às regras, a agressividade, a saída sem permissão)

Trabalho com história de vida está previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e nas Orientações Técnicas, tornando-o parte fundamental do Projeto Político Pedagógico de cada serviço de acolhimento.



Vitória (8) lembrou que a mãe (falecida) fazia uma macarronada que todos gostavam muito. A educadora provocou Vitória para lembrar-se de como era esta receita e pensaram nos ingredientes da macarronada. Junto com a cozinheira, fizeram o molho, fizeram a macarronada e serviram naquele almoço. Mais tarde Vitória escreveu no seu diário sobre o dia da macarronada de sua mãe e sua receita.

A educadora aproveitou para fotografar aquele almoço que fez parte do álbum de Vitória e do álbum da história da casa. Aquela macarronada que passou a fazer parte do cardápio da casa recebeu o nome de Macarronada da Vitória. (depoimento de uma supervisora)





Benefícios do acesso às histórias de vida:

- ✓ **Compreensão e elaboração da própria história;**
- ✓ **Preservação e fortalecimento dos vínculos familiares e comunitário;**
- ✓ **Atendimento mais personalizado, individualizado, afetivo e acolhedor;**
- ✓ **Apoio para que criança ou adolescente construa uma opinião consciente sobre sua situação;**
- ✓ **Construção de um PIA mais alinhado à opinião da criança ou adolescente;**
- ✓ **Organização de registros sobre a história de vida e desenvolvimento de cada criança e adolescente.**



**RESPEITO À
HISTÓRIA E
O DIREITO
À VERDADE**

**Base para o trabalho com as
crianças e adolescentes que
estão nos serviços de
acolhimento**

**Conversar a respeito não é tarefa
simples, exige reflexão em
equipe, espaços para discussão
de caso e alinhamento entre
todos os profissionais que lidam
com a criança ou adolescente**



A garantia do DIREITO AO RESPEITO supõe a capacidade de ouvir a criança ou o jovem, entendendo seus receios, suas fantasias e seus medos e acreditando em sua competência e capacidade de desenvolvimento. Significa ajudá-los a reconstruir laços e caminhos no percurso de sua individualização e socialização.





Quando os educadores constroem relações de respeito e compromisso com as crianças e os adolescentes, começam a consolidar o abrigo como espaço de proteção, acolhimento e resgate de vínculos e, portanto, como uma comunidade de socioeducação e de cuidado.





ESCUA – FORMAÇÃO DE VÍNCULO

- PERMITIR O DIÁLOGO;
- POSSIBILITAR A LIVRE EXPRESSÃO;
- RESPEITAR O TEMPO.





Quando crianças e adultos se vinculam e introjetam as boas experiências de relacionamento, uma relação de confiança e de afeto está se desenvolvendo entre eles. A construção afetiva nas relações internas desses serviços provoca aconchego, proteção, intimidade. Mas simultaneamente existe a necessidade de provocar a autonomia e a independência das crianças e dos adolescentes acolhidos, respeitando as características de cada faixa etária.



Desde bebê procura-se dar à criança aconchego e provocar independência, favorecer a ampliação de suas relações, enriquecer suas experiências. Em cada idade a autonomia é incentivada como algo interessante a ser conquistado: o mundo é importante de ser descoberto. Em cada idade os educadores devem estudar e planejar como fortalecer os vínculos com a criança e o adolescente e, ao mesmo tempo, favorecer sua autonomia e independência.



A participação do educador social/cuidador nos estudos de casos (é direito do profissional ter acesso à história de vida da criança/adolescentes pelo qual é responsável);
As implicações legais pelo mal-uso das informações.



O EDUCADOR OLHA AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES E OLHA TAMBÉM A SI PRÓPRIO

Pensar na educação das crianças e dos adolescentes é pensar também em si, é rever-se, retomar os próprios princípios e conceitos. É retomar quem são essas crianças e esses adolescentes, para onde caminham, e também quem somos nós, educadores do acolhimento.

"MERGULHAR NA HISTÓRIA DO OUTRO SEM SE AFOGAR"



DE ONDE EU VIM?

ONDE EU ESTOU?

PARA ONDE EU VOU?

O TRABALHO DO EDUCADOR SOCIAL

<https://youtu.be/GMkpLzoUdN4>



“Para garantir a oferta de atendimento adequado às crianças e aos adolescentes, os serviços de acolhimento deverão elaborar um Projeto Político Pedagógico (PPP), que deve orientar a proposta de funcionamento do serviço como um todo, tanto no que se refere ao seu funcionamento interno, quanto seu relacionamento com a rede local, as famílias e a comunidade.

Sua elaboração é uma tarefa que deve ser realizada coletivamente, de modo a envolver toda a equipe do serviço, as crianças, adolescentes e suas famílias. Após a elaboração, o Projeto deve ser implantado, sendo avaliado a aprimorado a partir da prática do dia a dia”
(Brasil. MDS, 2009: 49).



É a partir dele que as ações, atividades, fluxos, metas e atividades são materializados

É uma proposta de mudança consciente e intencional. Sem ela, os objetivos dos serviços de acolhimento podem não se realizar e os resultados podem ser desastrosos: crianças e jovens saindo para o mundo despreparados, dependentes e enfraquecidos.



INSTRUMENTO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO



ELEMENTOS NORTEADORES

1. ESCUTA E OBSERVAÇÃO;
2. TRATAMENTO RESPEITOSO E AFETUOSO;
3. APRESENTAR ESPAÇO E CUIDADOR DE REFERÊNCIA;
4. ESPAÇO PRIVADO;
5. REGRAS DE CONVIVÊNCIA;
6. LEVANTAR INFORMAÇÕES;
7. CONTATO COM A FIGURA DE CUIDADO DO ACOLHIDO/RESIDENTE;
8. ESTABELECEER FLUXOS;
9. INÍCIO IMEDIATO DAS ATIVIDADES DA EQUIPE TÉCNICA;
10. PROXIMIDADE DA EQUIPE TÉCNICA COM O RESIDENTE E COM A FAMÍLIA FAVORECENDO A ESCUTA E ESTABELECENDO UMA RELAÇÃO DE PARCERIA, QUANDO POSSÍVEL;
11. REGISTROS.



CONSEQUÊNCIAS E RUPTURAS



Dificuldades de adaptação



Dificuldades colocadas para a formação de novos laços de natureza afetiva



Ruptura dos vínculos com a família de origem



Dificuldades para o reconhecimento efetivo da convivência familiar como um direito fundamental



O DESAFIO DA PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS



“A palavra é, na nossa história, na nossa cultura, o que organiza o caos. Com a literatura, a gente começa a dar sentido às coisas. Tudo tem sentido. Porque o mundo é um grande livro sem texto e é um trabalho nosso, do homem, legendar o mundo. Nós estamos aqui para legendar esse mundo. E na medida que você começa a legendar as coisas todas você se torna mais atencioso, mais cuidadoso, menos preconceituoso, mais preocupado com o sentido bonito das coisas. Isso tudo o livro pode fazer. Uma sociedade mais feliz.”

Bartolomeu de Campos Queirós





Secretaria de Desenvolvimento Social, Criança e Juventude
Secretaria Executiva de Assistência Social
Gerência de Gestão do Trabalho e Educação Permanente

www.sigas.pe.gov.br
E-mail: capacitasuas.pe@sdscj.pe.gov.br
Telefone: 81 3183 0715

Fundação Apolônio Salles
Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE

E-mail: capacitasuas.ufrpe@ufrpe.br